

Mulheres seropositivas alcançam sucessos através de Grupos de Apoio à Adesão Comunitária (GAAC)



Membros do GAAC contam a história do seu grupo/Foto: Arsénio Manhice

Uma nova forma de recolha e distribuição de antiretrovirais está a melhorar as vidas das mulheres seropositivas na província de Gaza, Moçambique. A Elizabeth Glaser Pediatric Aids Foundation (EGPAF), financiada pelo Plano de Emergência do Presidente dos E.U.A. (PEPFAR) para o Alívio do SIDA, através dos Centros de Controlo e Prevenção de

Doenças (CDC) está a implementar este novo programa denominado *Grupos de Apoio à Adesão Comunitária* baseado num modelo criado pelos Médicos Sem Fronteira (MSF). Consiste num grupo de seis doentes no máximo que estão em tratamento antiretroviral e possuem algo em comum: residir no mesmo bairro, trabalhar na mesma zona, frequentar a mesma igreja, etc. Todos os meses, uma pessoa do grupo é responsável pela recolha de medicamentos no centro de saúde para os outros cinco membros do grupo. Após a recolha dos medicamentos, esta mesma pessoa faz a distribuição dos mesmos num local previamente acordado para que os outros possam fazer a recolha. O EGPAF iniciou este programa no distrito de Gaza em Novembro de 2011 e desde então muitos grupos foram formados. Em Setembro de 2013 foram contabilizados 18,569 doentes em 313 grupos de apoio à adesão comunitária. Resultados preliminares indicam que os doentes que participam no GAAC mostraram um nível de adesão ao tratamento maior comparado aos doentes que não faziam parte de grupos de apoio. Um factor importante para o sucesso do programa tem a ver com a poupança de dinheiro e tempo em consequência da rotação de responsabilidades na recolha e distribuição dos medicamentos para o grupo.

Lily Lucas, mãe de três crianças, faz parte de um GAAC que recebe medicamentos do Centro de Saúde de Chicumbane. O grupo dela foi um dos primeiros e mais estáveis a ser criado: nunca perderam um membro e possuem mais de 12 meses de rotação entre eles. O grupo é composto na sua maioria por mulheres e um homem que é esposo de uma das mulheres. O ponto em comum entre eles é o facto de residirem todos no “Bairro 4” em Chicumbane, cerca de 10 quilómetros do Centro de Saúde de Chicumbane. “Decidimos criar este grupo assim que entendemos como o mesmo funciona e a sua importância”, disse Cristina Cuna, líder do grupo. “O tempo que gastávamos na recolha dos medicamentos é agora usado em outras actividades sócio-económicas tais como a agricultura, venda no mercado, costura, etc.”



Lily Lucas e as suas três filhas. A mais nova nasceu quando ela aderiu ao GAAC/Foto: Arsénio Manhice

Lily soube que era seropositiva em 2003 durante a consulta pré-natal quando estava grávida. Quando engravidou novamente em 2012, ela juntou-se ao GAAC como forma de garantir que iria continuar com o tratamento durante a gravidez e reduzir a chance de passar o vírus HIV para a sua criança. O seu marido e

outros familiares dos membros do grupo apoiaram-na bastante e as vezes ofereciam-se para irem recolher os medicamentos quando um dos membros estava impossibilitado de o fazer. Felizmente, Lily manteve-se em tratamento e a sua criança nasceu livre do vírus HIV. As mulheres do grupo estão felizes porque juntas conseguem educar os membros da comunidade sobre a importância da testagem ao HIV e tratamento para os que são seropositivos. “Gostaríamos de agradecer a EGPAF pela ajuda que nos tem dado,” disse Lily Lucas. “Esperamos que a Fundação irá expandir o programa para ajudar outras pessoas noutras partes do.”